

USO DO ESPAÇO PÚBLICO EM JUAZEIRO DO NORTE-CE PELOS CAMELÔS

AUTOR: David Melo van den Brule¹

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como principal objetivo analisar o uso do espaço público pelos camelôs na cidade de Juazeiro do Norte-CE, no período de 2010-2011. Foi pesquisado com maior ênfase o cotidiano das barraqueiras moradoras (pessoas que possuem um ponto fixo, porém móvel, montado nas romarias, ocupando as proximidades da Igreja Nossa Senhora das Dores, estas fazem da barraca a sua morada por aproximadamente seis meses do ano). Inseridas no setor informal da economia, essas barraqueiras (denominação utilizada por elas) vivem um cotidiano bem distinto nas romarias, pois algumas delas não possuem outro trabalho, sendo este o seu único meio de subsistência.

Juazeiro do Norte fica localizada na região do Cariri, sul do estado do Ceará, pertencendo a terras do sertão semiárido, no chamado Vale do Cariri; conhecida principalmente através de seu patriarca, o padre Cícero Romão Batista (1844-1934), fenômeno que continua a atrair milhões de fiéis.

Atualmente a formação de territórios no centro principal da cidade de Juazeiro do Norte se dá com uma temporalidade definida pelo fluxo de romeiros, em um período de aproximadamente seis meses, de setembro a fevereiro, apropriado e/ou dominado por camelôs e, famílias que passam a morar nesse espaço, em uma migração sazonal, que se faz no momento das romarias. Temporária, por ser durante um período de seis meses; voluntária, porque a escolha é livre e se faz diante da necessidade; e ilegal do ponto de vista da municipalidade, que combate o uso de calçadas e ruas por camelôs, que usam o espaço público.

Para realizar tal análise, fez-se uso do conceito de território na visão de Souza (2005) e Haesbeert (2007, 2009). Os procedimentos metodológicos utilizados foram: a) entrevistas; b) observação passiva do cotidiano dos camelôs, aplicação de questionários; e c) registro em fotografias e análises das mesmas. Esta pesquisa contribui também na medida em que dá

¹ Especialista em Geopolítica e História pela Faculdades Integradas de Patos (FIP), mestre em Geografia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), doutorando em Geografia pela Universidade Federal do Pernambuco (UFPE)

visibilidade a um cotidiano, aquele em que o trabalhador sem carteira assinada e restrito de direitos busca uma vida digna através do trabalho, na esperança por dias melhores.

Destarte, seguiremos nossa exposição em dois momentos, o primeiro descreve o conflito no uso do espaço público e o segundo a dupla dimensão que o território assume (apropriação e/ou dominação), em especial seu aspecto identitário, como valor de uso.

1 ESPAÇO PÚBLICO: CAMPO DE DISPUTA TERRITORIAL

Atualmente tem sido raro andar nos centros urbanos sem visualizar vendedores ambulantes, conhecidos como camelôs. Este termo camelô, segundo o dicionário eletrônico Aurélio (2004), significa "mercador que vende suas mercadorias nas ruas, geralmente nas calçadas ou nas praças". Derivado do francês *camelot*, ou seja, vendedor ambulante, a palavra tem origem, segundo Dannemann (2010), quando ainda no século XII era vendido um tecido rústico e felpudo feito com pele de camelo chamado pelo nome de Khmalar, ganhando o nome entre os franceses de camelot. Alguns desses produtos eram apenas imitações negligentes, feitas com pele de cabra e, por este motivo, incorporou-se a fama de que esses comerciantes de rua vendiam produtos falsificados e/ou de baixa qualidade, percepção que permanece viva até hoje.

Aqui no Brasil, Ramires (2001) relata, tendo por base alguns poetas e artistas, a presença do comércio ambulante desde o século XIX. O que hoje chama atenção é o crescimento desse tipo de comércio. Tal aumento, em parte, advém do alto índice de desemprego, do baixo nível de escolaridade, do avanço das tecnologias e da consequente automação (afirmações preliminares, pois tal análise é muito mais complexa quando se trata do desemprego).

Estima-se, de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), de 2009, que entre a população em idade ativa, 66,4% são empregados e trabalhadores domésticos e 20,5% trabalham por conta própria². Analisando a ocupação de ambulantes, Melo e Teles (2000) concluem que esses vendedores são os trabalhadores por conta própria mais significativos dentre os demais. Este setor não reúne apenas desempregados, mas também aposentados, pensionistas e pessoas que largaram o emprego na busca de uma possível ascensão econômica, pois o mundo do comércio pode, dependendo das circunstâncias possibilitar ao vendedor o aumento de sua renda. Dados desta pesquisa

² Fonte: IBGE/PNAD. Elaboração: MF/SPE

mostraram que a faixa etária predominante foi de 40 a 49 anos e 50 a 59 anos, ambos representando 22% das respostas.

Devido a esse crescente número de camelôs tem ocorrido em diversas cidades a construção de um estabelecimento fixo, com o nome de camelódromo, conhecido também como *shopping* popular. A construção de tal empreendimento tem sido uma das maneiras da prefeitura legitimar esta atividade, arrecadar dinheiro, ordenar e minimizar os impactos ambientais ocasionados pela ocupação dos centros das cidades pelos trabalhadores informais.

Porém, quando se trata dos camelôs pesquisados neste trabalho, estes assumem algumas particularidades, a começar por não possuírem um comércio permanente, ou seja, trabalham concomitantemente às festas religiosas. Ademais, grande maioria dos compradores (romeiros) é de outras cidades e a renda destes consumidores chega em média a até dois salários mínimos³, mas a venda dos produtos não se restringe apenas aos romeiros, visto que a população local, juntamente com os turistas, também aproveita para comprar lembranças do Juazeiro do Norte e outros objetos.

A discussão a respeito do termo camelô e/ou ambulante é abordada aqui sem separação classificatória para efeito de análise. Os termos camelô e ambulante podem a princípio ter o mesmo significado, mas alguns autores abordam diferenças. Nesta pesquisa identificou-se a existência de pelo menos três tipos de camelôs, sendo eles: os vendedores ambulantes (aqueles que precisam se locomover para realizar suas vendas); os vendedores que possuem barracas ou expositor ou apenas utilizam o próprio chão para colocar seus objetos à venda, mas que durante o período da romaria voltam para dormir em suas casas (ou pousadas no caso daqueles que vêm de outras cidades); e as barraqueiras moradoras, que residem nas barracas durante alguns meses. Desse universo, a maioria das pessoas são mulheres, correspondendo a 64%, e homens apenas 36%.

É importante frisar que foram as barraqueiras moradoras as pessoas entrevistadas. Isso não exclui afirmar que existem homens, crianças, ou seja, famílias inteiras morando e trabalhando nas barracas junto com elas. Há, no entanto, uma divisão interna do trabalho: os homens montam as barracas e fazem as compras: adquirem os refrigerantes, água, arroz, carnes, legumes e outros itens; enquanto as mulheres fazem as comidas, cuidam da limpeza e do atendimento ao cliente.

O trabalho dos camelôs tem sido alvo de críticas elaboradas por outros comerciantes e por autoridades, e até mesmo por alguns cidadãos locais, das quais se destacam: a venda de

³ In: ARAUJO, 2005 p. 187

produtos muitas vezes contrabandeados e de qualidade duvidosa; o mau uso do espaço público (ocupando as calçadas e ruas, obstruindo o fluxo dos pedestres e automóveis); o não pagamento de impostos (crimes de sonegação de impostos e concorrência desleal). Em alguns casos, utilizam água e luz da rede pública e das casas onde eles alugam as calçadas para abastecer suas barracas.

O conflito se estabelece entre o circuito superior e inferior da economia. Na caracterização dos dois circuitos.

O sistema superior utiliza um importante e elevado nível tecnológico, uma tecnologia de "capital intensivo", enquanto no circuito inferior a tecnologia é "trabalho intensivo" (...) O primeiro é imitativo, enquanto o segundo dispõe de um considerável potencial criativo. (...) As atividades do circuito superior dispõem de crédito bancário. (...) As atividades do circuito inferior estão simultaneamente baseadas no crédito e no dinheiro líquido. Mas, neste caso, o crédito é de natureza diferente, com uma larga porcentagem de crédito pessoal direto, indispensável para o trabalho das pessoas que não têm possibilidade de acumular dinheiro. (...) As atividades do circuito superior manipulam grandes volumes de bens, enquanto as do circuito inferior, no comércio e nos setores de fabricação, trabalham com pequenas quantidades. (...). No circuito inferior, a acumulação de capital não é de interesse primordial, ou nem mesmo interessa. A tarefa primordial é a de sobreviver e assegurar a vida familiar diária, bem como participar, o quanto possível, de certas formas de consumo peculiares ao moderno modo de vida. (...) No circuito inferior, a publicidade não é necessária, graças ao contato direto com o cliente, e nem é possível, pois os lucros servem diretamente à subsistência do agente e sua família. (...) As atividades do circuito superior beneficiam-se direta ou indiretamente da assistência governamental, enquanto as atividades do circuito inferior não têm ajuda e além disso quase sempre dão lugar a perseguições, como é o caso dos vendedores ambulantes em muitas cidades. (SANTOS, 2008 [2002], p. 100-103).

O autor adverte que os circuitos superior e inferior da economia subsistem um sem o outro. É factível perceber o seu não dualismo. Há na realidade uma conexão entre os dois circuitos, e as características de um podem aparecer no outro. Esse modelo mostra apenas uma preocupação do autor em relevar aspectos "gerais" para uma análise inicial.

Conflito também encontrada entre os diversos atores sociais que constroem a dinâmica desse espaço, que são: a prefeitura municipal; o Governo do Estado; a Igreja; os camelôs (trabalhadores do chamado circuito inferior); os moradores da cidade (dos quais alguns alugam as calçadas); os donos de ranchos; e os visitantes, dentre eles, romeiros, turistas, curiosos, pesquisadores e outros.

Tal território localiza-se na Praça da Matriz⁴ entre as ruas São Pedro (no sentido sul para o norte esta passa a ser chamada Avenida Joaquim Romão Batista) e Padre Cícero (na direção sul-norte esta passa a ser chamada de Avenida do Agricultor), próximo também à travessa Isabel da Luz e das seguintes ruas: Matriz, Brejo, São Paulo, São José, Dr. Floro, Cruzeiro.

A seguir, a imagem de satélite mostra as áreas da aplicação dos questionários e entrevistas:



Figura1. Juazeiro do Norte. Imagem de satélite com áreas de aplicação da pesquisa de campo.
Fonte: Google Maps, Editado por BRULE, David (2011).

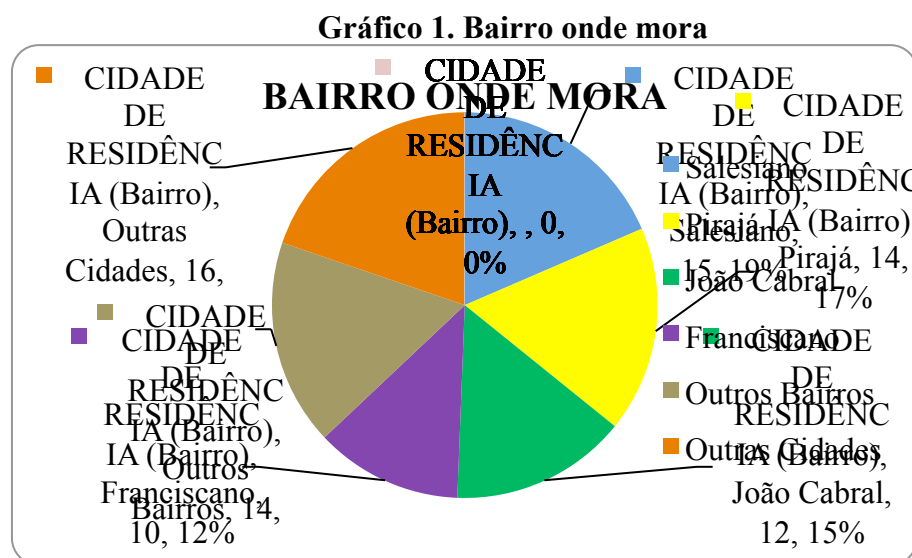
A Área 1 corresponde ao local onde as barraqueiras moradoras ficavam, localizada entre a Cúpula da Igreja Matriz e o Centro de Apoio aos Romeiros. Na Área 2 delimitou-se a Rua do Brejo (esquina com a Rua São José) e a Praça da Matriz. Na Área 3 os questionários foram aplicados aos camelôs que ficam na travessa Isabel da Luz e na rua da Matriz. A Área 4 compreende a Rua São José, no trecho entre as ruas do Cruzeiro e a rua do Brejo. A única área em que se aplicou entrevistas e questionários foi a Área 1, nas demais áreas foram realizados apenas questionários.

⁴ No local como dito anteriormente ficam duas praças registradas com os nomes: Monsenhor Esmeraldo e Antônio Correia Celestino. Fonte: Planta Urbana de Juazeiro do Norte, produzida pelo engenheiro Mario Bem Filho, 2009.

Em resposta aos questionários, 75% responderam preferir trabalhar nesta área por conta da localização, ratificando uma boa acessibilidade, também 75% dos que responderam aos questionários consideraram fácil o acesso. Estas respostas revelam o quanto a localização e acessibilidade são importantes para áreas centrais, especialmente quando se trata de pessoas que não possuem automóveis.

Na Praça da Matriz e em suas proximidades concentram-se também camelôs que vêm de outros estados, como: Pernambuco, Paraíba e Alagoas — mas ainda em maior número os comerciantes de Juazeiro do Norte.

Essas pessoas vêm de diversos bairros da cidade e em pesquisa constatou-se o seguinte:



Fonte: Pesquisa de Campo, 2010. Organização BRULE, David.

De acordo com o censo realizado pelo fiscal da Secretaria de Meio Ambiente e Serviços Públicos, Marcos Bezerra (*apud* SANTOS, 2009):

São cerca de 2.500 barraqueiros que se instalam nesses dois pontos durante as romarias. Ele calcula que pelo menos 2 mil são de Juazeiro. A outra parte vem de localidades como Caruaru e Santa Cruz, de Pernambuco, ou de cidades do Interior do Ceará, Alagoas e Paraíba.

Os vendedores ambulantes geralmente vendem produtos comestíveis (picolé, almoço, água, refrigerantes etc.), enquanto que os camelôs vendem diversos produtos, tais como: roupas, roupas de cama, travesseiro, objetos religiosos (terço, santinhos, imagens), bijuterias, alumínio (painéis e copos), calçados, bebidas (refrigerante, água), CD's e DVD's,

brinquedos, redes, mantas, óculos, relógios, recipientes plásticos, utensílios para cozinha, produtos naturais, entre outros.

No livro *Padre Cícero: poder, fé e guerra no sertão*, o autor Lira Neto destaca que a maioria dos romeiros:

Desce antes para a cidade, com o objetivo de fazer compras na feira livre que toma conta das ruas próximas à matriz de Nossa Senhora das Dores. Ali, na babel de barracquinhas abarrotadas de quinquilharias, vende-se de tudo: panelas, roupas, relógios, bijuterias, baldes, bacias, chapéus, rádios, sapatos, quadros, rapadura, mel de abelha, óculos de sol. As imagens em gesso do padre Cícero são os produtos mais procurados. (NETO, 2009, p. 520).

O comércio de roupas representou o segundo maior produto colocado à venda nas áreas pesquisadas, com 22%, perdendo apenas para alimentação, com 25%. É importante frisar que, por conta desta pesquisa privilegiar a área onde se localizam as barraqueiras moradoras, o número de pessoas que vendem alimentos ultrapassou os que vendem roupas.

A seguir as fotografias mostram alguns produtos que são colocados à venda pelos camelôs, os quais já foram acima citados.



Fotos 1 e 2. Objetos colocados à venda no período das romarias. BRULE, David, 2009.

Em relação às barraqueiras moradoras, suas atividades caracterizam-se pela venda de café da manhã, almoço, janta e bebidas em geral, sendo que uma das entrevistadas declarou não trabalhar mais com bebidas alcoólicas, disse ela: “vendia bebida, mas acontece que as pessoas dizem coisas quando bebe, e pra minhas filhas ficarem ouvindo não é bom, foi o último ano que vendi bebida, não vendo mais!”. Outra entrevistada também comentou sobre esse assunto “nunca deu confusão em minha barraca, porque se o caba chega bêbo, eu não despacho, digo ‘tem não meu irmão, acabou’, agora pronto, já deixei uma confusão. Num levo

na ignorância, levo como irmão, tiro numa boa”. Desde o ano de 2010 é norma da administração municipal não vender bebidas alcoólicas após as 22h.

Com o intuito de valorizar o espaço sagrado de encontro dos romeiros para as missas solenes, a Igreja busca que as pessoas respeitem mais esta área e não vendam bebidas alcoólicas, pois no entorno da praça são armadas barracas com a venda dessas bebidas.

Alguns camelôs ficam no interior da Praça da Matriz, outros em calçadas externas à praça, ocupando o passeio público e as ruas da Matriz, do Brejo e Isabel da Luz que, em períodos de intenso fluxo, configura uma situação que impossibilita o trânsito com carros.

A seguir, as fotos 3 e 5 revelam o intenso fluxo de pessoas em período de romaria. Ao lado das fotografias que registram tal fluxo, imagens que revelam o momento em que não acontece a romaria, mostrando como o mesmo espaço pode ser utilizado por veículos e pedestres.



Fotos 3 e 4. Rua da Matriz esquina com a travessa Isabel da Luz. BRULE, David 2010 e 2011.

Durante a romaria, o tráfego de veículos automotores também fica impossibilitado em partes das ruas do Cruzeiro e São José. A seguir, a foto registra a Rua do Cruzeiro (entre as ruas Padre Cícero e São José).



Fotos 5 e 6. Rua do Cruzeiro entre as ruas Padre Cícero e São José. BRULE, David 2010 e 2011.

Destarte, a privatização dos espaços públicos de uso coletivo é um problema urbano não apenas do Juazeiro do Norte, mas do Brasil. Ao se apropriar e/ou dominar as calçadas e ruas com o comércio informal, restringe-se o acesso dos passantes, tornando-as campo de disputa entre carros, caminhões, ambulantes, romeiros, turistas, pedestres, motoqueiros, ciclistas e demais pessoas que precisam trafegar pela cidade. Essa realidade se torna ainda mais caótica em uma cidade como Juazeiro do Norte, que guarda com suas ruas estreitas a característica de um tempo antigo.

2 TERRITÓRIO DE APROPRIAÇÃO E/OU DOMINAÇÃO DOS CAMELÔS

Para compreender melhor o exposto até então, buscou-se no conceito de território um forte auxílio. Essa concepção é alvo de análise desde a filosofia, ciências políticas, ciências sociais ao senso comum, mas é principalmente a dimensão conceitual que o território assume na geografia que lançaremos mão na análise.

O conceito de território na perspectiva de Souza (2005), no artigo "O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento". O pesquisador propõe que este seja entendido como:

Um campo de forças, uma teia ou rede de relações sociais que, a par de sua complexidade interna, define, ao mesmo tempo, um limite, uma alteridade: a diferença entre “nós” (o grupo, os membros da coletividade ou “comunidade”, os insiders) e os “outros” (os de fora, os estranhos, os outsiders). (...) Territórios, que são no fundo antes relações sociais projetadas no espaço que espaços concretos (...), podem, (...), formar-se e dissolver-se, constituir-se e dissipar-se de modo relativamente rápido (ao invés de uma escala temporal de séculos ou décadas, podem ser

simplesmente anos ou mesmo meses, semanas ou dias), ser antes instáveis que estáveis ou, mesmo, ter existência regular mas apenas periódica, ou seja, em alguns momentos - e isto apesar de que o substrato espacial permanece ou pode permanecer o mesmo. (SOUZA, 2005, p.86-87)

O entendimento do território, como acima tratou Souza, nos é útil na medida em que o espaço pesquisado da cidade de Juazeiro do Norte é bem distinto em momentos de romarias em relação às demais épocas do ano. Nas romarias, a grande maioria entre milhares de pessoas que chegam nesta cidade ficam restritas, aos espaços "sagrados", ou seja, o substrato referencial passa a ser os espaços sagrados e seus contornos, apropriado e/ou dominado pelos romeiros, camelôs e outros.

O autor continua o esclarecimento: “o território *não* é o substrato, o espaço social em si, mas sim um campo de forças, *as relações de poder espacialmente delimitadas e operando, destarte, sobre um substrato referencial*” (SOUZA, 2005 [1995], p.97). As fotografias abaixo ratificam o que foi abordado, revelando a mudança espacial registrada em momento de romaria e em momento de não romaria. A construção de territórios é definida pelas datas festivas, ou melhor, sagradas. A seguir, o fluxo de romeiros e comerciantes:



Fotos 7 e 8. Rua do Cruzeiro (entre as ruas São José e Santa Rosa) BRULE, David 2007



Fotos 9 e 10. Esquina da Rua Dr. Floro com a Rua Padre Cícero. BRULE, David, 2010.



Fotos 11 e 12. Rua Dr. Floro (entre as ruas Padre Cícero e São José) durante a romaria e um dia após a romaria. BRULE, David, 2010.

Estes espaços não apresentam exclusividade de um único poder e aglutinam na mesma área, de uma maneira ou de outra, vários atores, sendo eles: os eclesiásticos, a administração do município, os camelôs e os romeiros; estando eles superpostos em um mesmo espaço, disputando a mesma área de influência econômica que, em eventos de romarias, incrementam suas rendas aumentando o volume de dinheiro que circula na cidade. É o que Souza (2005 [1995]) caracteriza por uma territorialidade de baixa definição e, de acordo com o mesmo pensamento, Haesbaert acrescenta o entendimento das

Territorializações mais flexíveis, que admitem ora a sobreposição (e/ou a multifuncionalidade) territorial, ora a intercalação de territórios - como é o caso dos territórios diversos e sucessivos nas áreas centrais das grandes cidades, organizadas em torno de usos temporários. (2007 p. 342)

Para o autor, com base em Henri Lefebvre, o território possui uma dupla dimensão:

Território, assim, em qualquer acepção, tem a ver com poder, mas não apenas ao tradicional "poder político". Ele diz respeito tanto ao poder no sentido mais explícito, de dominação, quanto ao poder no sentido mais implícito ou simbólico, de apropriação. Lefebvre distingue apropriação de dominação ("possessão", "propriedade"), o primeiro sendo um processo muito mais simbólico, carregado das marcas do "vivido", do valor de uso, o segundo mais concreto, funcional e vinculado ao valor de troca. (HAESBAERT, 2007. p.20)

Neste entendimento, o território como apropriação assume a base da existência humana, onde as experiências do cotidiano ganham mais expressividade, como o viver, o consumo, o trabalho, a religião e o lazer.

O território como apropriação faz menção ao espaço da experiência de vida, do sonho, do corpo, priorizando os sentimentos, as crenças, o imaginário, os valores e as significações materiais e afetivas, como também o sagrado e o profano. Assim, esse território representa a expressão da singularidade construída e reconstruída cotidianamente, fruto das relações espaciais.

Para tanto, nessa perspectiva, valorizam-se as pessoas, considerando os seus sentimentos e ideias. Atualmente, no mundo globalizado, essa dimensão tem sido negligenciada, sendo o dinheiro e a informação as tiranias que comandam as ações de hoje. O território como dominação tem sido prioridade para as políticas públicas, empresas, instituições etc.

Ao privilegiar o estudo da singularidade e da individualidade, deve-se levar em consideração a integração dos elementos sociais (econômico, político e cultural) respeitando a híbrida complexidade existente neste espaço. Perceber que a dissociação entre as dimensões econômica, política e cultural só é possível quanto ao destaque de uma sobre outras, porque uma dimensão inclui indissociavelmente outras. Esse tratamento revela a multiplicidade e a possibilidade para tal abordagem, porque a realidade é indivisível, integral, una e múltipla ao mesmo tempo; a política é cultural; a experiência vivida é socialmente estabelecida; a economia gera novas políticas e, por conseguinte, as novas políticas geram novas formas de fazer economia.

Contudo, percebe-se que as barraqueiras moradoras envolvem-se com essa dupla dimensão (apropriação e/ou dominação), pois algumas delas chegam a passar um período de seis meses com suas famílias nas barracas, construindo um vínculo afetivo, uma apropriação com aquele território e, portanto, uma dimensão afetiva e simbólica. Somando-se a isto,

utilizam o espaço como valor de troca em uma perspectiva funcional, na busca de sua sobrevivência diária.

Na entrevista, uma barraqueira fala do seu trabalho ao longo do tempo:

ENTREVISTADA A: Está com quarenta anos da primeira barraca que eu botei. Foi em setenta, na inauguração da estátua. Quando comecei eu ainda era uma jovem, hoje já estou velha, já tenho neta dentro da barraca. Meus filhos nasceram e se criaram dentro de barraca, hoje tudo é dono de suas barracas e graças a Deus todo ano vivemos assim, vem em setembro e volta em fevereiro [...]. (Barraqueira moradora em entrevista cedida, 2010)

A maioria das entrevistadas revelou sentir-se bem melhor no período das romarias, pois neste momento conquistam um cotidiano diferenciado. Segundo a entrevistada:

ENTREVISTADA A: Eu me sinto melhor aqui do que em casa. Aqui eu sou mais sadia, tenho mais saúde do que em casa, em casa se levanta bem cedo e não tem o que fazer. Eu vou para física, por que os velhos têm física, né. Quando chego me deito por que estou cansada, eu vivo é mais doente! Aqui não, eu tenho mais saúde, de setembro para cá eu baixei o hospital só uma vez, com problema de disenteria, e aqui passo os três meses e graças a Deus não sinto nada (...) aqui é melhor! (Barraqueira moradora em entrevista cedida, 2010)

Continua a entrevistada falando a respeito do vínculo que ao longo desses quarenta anos de trabalho conseguiu estabelecer com os romeiros e, portanto, com o território, pois neste período incrementa suas vendas e revê alguns romeiros que são antigos conhecidos.

ENTREVISTADA A: Eles chegam, sabem o nome da gente, já vêm direto para aquele local, chegam, abraçam a gente. Ô, minha mãe faleceu, foi uma tristeza grande para os romeiros.

PESQUISADOR: Ela trabalhava aqui também?

ENTREVISTADA A: Ela trabalhava aqui também. Chegaram cadê vizinha? Cadê vizinha? Foi aquele desespero para os romeiros, para eles era mesmo que fosse um da família deles.

Eles telefonam para gente dizendo o dia que vão chegar, eles dizem: 'ô cuide na janta, no almoço, a gente chega aí tal hora'. Por isso que às vezes fora de hora da noite eu fico esperando os romeiros pra jantar. Eles ligam logo e avisam, "tô chegando", nós já vamos em tal canto, eles levam o telefone da gente, deixam o telefone deles, quando eles chegam lá, eles avisam, nós chegamos em paz, o que aconteceu eles avisam a nós, 'fulano adoeceu', tudo que acontece eles avisam. Para Maceió, para Recife, para João Pessoa, para

Maranhão, para todo canto o *caba* tem contato com eles. (Barraqueira moradora em entrevista cedida, 2010)

Outras entrevistadas também falam a esse respeito.

ENTREVISTADA B: Ah, aqui todo mundo gosta da gente, só não gostam da gente os malandros, porque malandro não gosta de ninguém, né? Aqui todo mundo gosta da gente.

ENTREVISTADA C: Eu criei minha família todinha aqui, já estou criando neto, órfão de pai. Eu trabalho aqui por isso, já faz mais de 40 anos que eu trabalho [...] quando meu esposo morreu fazia oito anos já que eu colocava barraca, aí eu criei minha família todinha trabalhando aqui, dando comida a eles aqui [...] me sinto bem, me sinto feliz, aqui tem minhas amigas, minha vizinhas, eu acho bom. Com as romarias vêm minhas amigas que são romeiras. De primeiro eu tinha de ônibus inteiro de freguesia [...] porque aqui é tão bom, eu acho.

Tal vínculo de amizade se estende à vizinhança. Há uma dimensão de solidariedade entre eles. Neste plano, Haesbaert também afirma que "[...] de acordo com o grupo e/ou a classe social, o território pode desempenhar os múltiplos papéis de abrigo, recurso, controle e/ou referência simbólica" (2004 [2007] p.96). No entanto, o território ganha também a dimensão de recurso, de troca:

ENTREVISTADA A: Mas graças a Deus todo ano eu vendo uma coisinha, todo dia o caba vende: almoço, janta, merenda, café. [...] Dá para sobreviver bem, graças a Deus, porque se não desse o caba já tinha tomado o caminho de casa, né? Vem a festa de setembro, às vezes a festa de novembro, vem dia de ano, dia de reis que é bonzinho, agora em fevereiro é a melhor, porque você não compra nada, em setembro você compra muita coisa fiado, sai pagando aos pouco, em novembro também compra muita coisa pra ir pagando aos poucos, agora não.

ENTREVISTADA B: Dá para sustentar minha família, agora foi que esse ano eu não controlei as coisas certas, comprei muito! Não sei porque, mas eu ganhava um dinheirinho aqui levava para casa e tudo (...)

ENTREVISTADA C: Aqui eu arrumo o pão de cada dia. Não ganho esse dinheiro, porque é a época mesmo e o local que não é muito adequado.

ENTREVISTADA F: Me sinto bem, é de onde eu tiro o dinheiro para os filhos, comprei até um terreno.

PESQUISADOR: Quais os pontos positivos em seu trabalho?

ENTREVISTADA I: Ter boas vendas, boas rendas, não ficar devendo a ninguém.

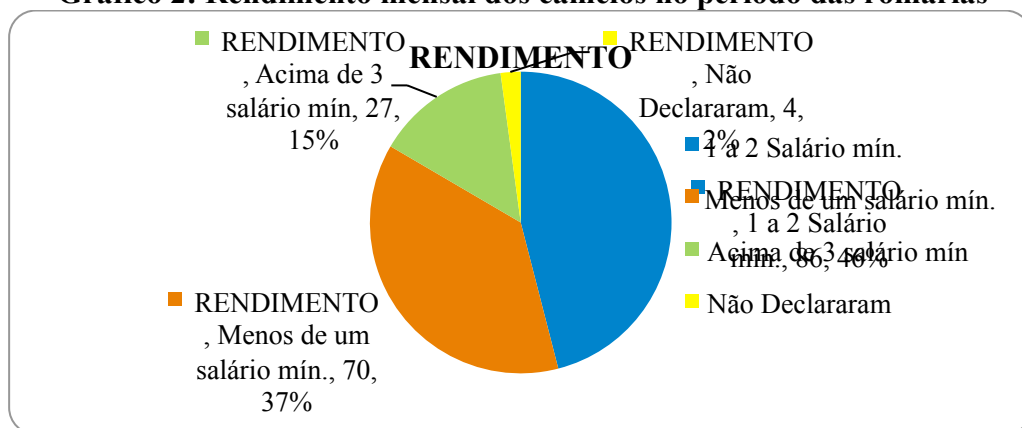
ENTREVISTADA L: Por que é aqui que eu dou de comer, que eu tiro meu sustento.

ENTREVISTADA M: Porque é daqui que a gente sobrevive, é a sobrevivência da gente.

ENTREVISTADA N: É porque a pessoa sobrevive daqui, é que nem a roça planta e passa seis meses recebendo, e no período que não tem romaria eu não trabalho.
(Barraqueiras moradoras em entrevistas, cedidas 2010).

De acordo com os questionários, o rendimento mensal da maioria dos camelôs gira em torno de um a dois salários mínimos; conforme gráfico:

Gráfico 2: Rendimento mensal dos camelôs no período das romarias



Fonte: Pesquisa de Campo, 2010. Organização: David Melo Van den Brule

A seguir as imagens que expressam um pouco das condições de moradia dessas pessoas.



Fotos 13 e 14. Morada das barraqueiras no ano de 2010. BRULE, David, 2010.



Fotos 15 e 16. Morada das barraqueiras. Elisângela Santos, 2010.

As imagens 13, 14, 15 e 16 expõem as precárias condições de limpeza e higiene do ambiente externo, que interfere no ambiente interno. Esta problemática também foi mencionada nas entrevistas:

ENTREVISTADA D: o freguês disse 'Deus ajude, dona! Quando for para o ano que a gente venha e ela tenha uma condição melhor para atender a gente'. Se tivesse assim uma condição melhor, ajeitava isso aqui. Eles fizessem ou liberasse para que a pessoa fizesse. Eu não tenho condições não, mas Deus me ajudasse eu ia arrumar condições, ia organizar por dentro. Chega uma pessoa de outra cidade e vê um negócio desse cheio de terra, cheio de coisa, não é bom. (Barraqueira moradora, em entrevista cedida em 2010)

Na área revelada através das fotos 23, 24, 25 e 26 o uso do espaço externo às barracas é bem mais frequente. Normalmente as pessoas ficam sentadas em suas cadeiras de balanço conversando com seus familiares e conhecidos; colocam roupas para secar em um varal comunitário, assistem à televisão de fora da barraca e veem seus filhos e netos jogarem bola, dividindo este "terraço" com outras barraqueiras, romeiros e alguns brinquedos do parque de diversão.

Para tanto, o território assume essa híbrida função (apropriação e/ou dominação) para essas barraqueiras moradoras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao traçar os diversos usos do espaço público pelo comércio informal deixando transparecer aspectos do vivido, através das entrevistas, foi revelado pelas barraqueiras moradoras: as marcas da solidariedade, das amizades, da alegria de viver o movimento das

romarias, de sentir o calor humano dos romeiros, das relações de vizinhança e sobretudo o fato de fazer da barraca um local de moradia que ao longo de muitos anos de trabalho e dedicação conseguiram sustentar suas famílias.

Destarte, foi possível reconhecer no campo essa dupla dimensão (funcional e identitária) que o território assume. Percebe-se que os vendedores ambulantes — e os outros camelôs que colocam suas barracas, mas não moram nelas — não chegam a criar um vínculo tão forte com o território, como as já citadas barraqueiras moradoras. Por este motivo acredita-se sobressair para os vendedores ambulantes a dimensão funcional. Já as barraqueiras moradoras, pelo dispositivo chamado tempo e por a barraca ser o espaço da morada, da residência, o território assume com mais força a dimensão identitária.

Neste sentido, essa pesquisa contribuiu também na medida em que dá visibilidade a um cotidiano pouco visto, aquele em que o trabalhador sem carteira assinada, restrito de direitos busca uma vida digna através do esforço contínuo e prolongado do dia a dia na fé e na esperança de dias melhores.

Tal realidade descrita e vivida, após a construção e o uso efetivo do Centro de Apoio aos Romeiros, inaugurado em março de 2011, deixa de existir. Fica desse modo o registro de suas histórias de vida e a memória de um passado bastante diferente, vivenciada por tais atores do comércio informal da cidade de Juazeiro do Norte, Ceará.

BIBLIOGRAFIA

AGUIAR, Thiago. *Juazeiro do Norte ganha Praça dos Romeiros*. Disponível em: <http://www.vejajuazeiro.com.br/cidade/787-juazeiro-do-norte-ganha-praca-dos-romeiros.html#>> Acesso em: 05 mai. de 2011.

ARAÚJO, Maria de Lourdes de. *A cidade do Padre Cícero: trabalho e Fé*. 2005. 250p. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

CAVA, Ralph Della. *Milagre em Joazeiro*. Tradução Maria Yedda Linhares Milagre em Joazeiro. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1976.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: Artes de fazer*. 3º ed. Petrópolis, Vozes, 1998, [Tradução: Ephraim Ferreira Alves].

CLEPS, G. D. G. *O comércio informal e a cidade*. In: II Simpósio Regional de Geografia, 2003, Uberlândia. Anais do II Simpósio Regional de Geografia. Uberlândia, 2003. p. 01-10.

Consumo no Centro de Anápolis - GO. Presidente Prudente, 2006. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2006. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=33467> Acessado em 23. Jan. 2010.

DANNEMANN, Fernando Kitzinger. *A a D - camelô - origem do apelido*. Disponível em: <<http://www.efecade.com.br/index.php?texto=1542>> Acesso em 27. Abr. de 2010.

DANTAS, Eustógio Wanderley Correia. *O comércio ambulante no Brasil*. Disponível em: <<http://conhecimentopratico.uol.com.br/geografia/mapas-demografia/25/artigo134437-1.asp>> Acessado em 06. Mai. 2011.

FAHEINA, Rita Célia. *Praça dos Romeiros integra Santuário*. O POVO online, Crato 06 de fev. 2008. Disponível em: <<http://opovo.uol.com.br/opovo/ceara/763762.html>> Acesso em 02 de novembro de 2009.

FILHO, Vitor Ribeiro; MIRANDA, Mariana e KITAMURA, Camila Kazumi. *O comércio e serviços ambulantes: uma discussão*. Revista online Caminhos de Geografia Uberlândia v. 8, n. 23 Edição Especial p. 20 - 26. ISSN 1678-6343. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/10470/6239>>. Acesso em 15. Jan. 2010.

HAESBAERT, Rogério da Costa. *Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade*. Porto Alegre, setembro de 2004. Artigo apresentado no I Seminário Nacional sobre Múltiplas Territorialidades, promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRGS, Curso de Geografia da ULBRA e AGB-Porto Alegre, em 23 de setembro de 2004. Disponível em: <<http://referer.us/b/aHR0cDovL3czLm1zaC51bml2LXRsc2UyLmZyL2NkcC9kb2N1bWVudHMvQ09ORkVSRU5DRSUyMFJvZ2VyaW8lMjBIQUVTQkFFUIQucGRm>> Acesso em 12 mai. de 2009.

_____, Rogério da Costa. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. [2007].

IBGE, *Censo populacional de 2010, tabela 3145..* Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/listabl.asp?z=cd&o=4&i=P&c=3145>> Acesso em: 27 de jun de 2011.

LEFEBVRE, Henri. *Espaço e política*. Tradução de Margarida Maria de Andrade e Sérgio Martins. Editora UFMG, 2008.

_____, *O Direito à Cidade*. Tradução de Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Moraes, 1991 [1968].

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados*. São Paulo, Atlas, 1982.

MELO, H. P. de e TELES, Jorge Luiz. *Serviços e a informalidade: o comércio ambulante no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 2000. Disponível em: < http://www.ipea.gov.br/pub/td/td_2000/td0773.pdf> Acessado em 07. mai. 2011.

NETO, Lira. *Padre Cícero: poder, fé e guerra no sertão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

RAMIRES, José Francisco. *Severinos na metrópole: a negação do trabalho na cidade de São Paulo*. 222p. Dissertação de Mestrado em Sociologia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2001.

SANTOS, Elisângela. *Centro dos romeiros: Primeira etapa de obra continua paralisada*. Diário do Nordeste. Disponível em: 17 de Janeiro de 2008. <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=504471>> Acesso em: 30 de outubro de 2009.

_____. *Inicia mudança do local de barracas*. Diário do nordeste. Juazeiro 19 de ago. de 2009. Disponível em: < <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=663006>> Acesso em: 30 de outubro de 2009.

_____. *600 mil devotos devem visitar a terra do 'Padim'*. Diário do Nordeste online. Regional 28 de out. de 2009. Disponível em: < <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=684260>> Acesso em: 30 de out. de 2009.

_____. *Aberta romaria de Finados em Juazeiro*. Diário do Nordeste online. Regional 30 de out. de 2009. Disponível em: < <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=685642>> Acesso em: 30 de out. de 2009.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção*. 4 ed. São Paulo: Edusp 2006, [1996].

_____. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 13 ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

_____. *Da totalidade ao lugar*. São Paulo: Edusp, 2008 [2002].

SERPA, Ângelo. *O espaço público na cidade contemporânea*. São Paulo, Contexto, 2007.

SOUZA, Marcelo Lopes de. *O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento*. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C. e CORRÊA. R. L. (Orgs). *Geografia Conceitos e Temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

YÁGIZI, Eduardo. *O mundo das calçadas: por uma política democrática de espaços públicos*. São Paulo: Humanitas & Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2000. v. 1.550.